

# BELA ADORMECIDA



**E** RA UMA VEZ UM REI E UMA RAINHA que diziam todos os dias: “Ah, se tivéssemos um filho!”, mas durante muito tempo não tiveram nenhum.

Certo dia em que a rainha se banhava, um sapo saltou fora da água e disse:

– Seu desejo foi satisfeito; antes de se passar um ano você trará uma filha ao mundo.

As palavras do sapo se realizaram. A rainha teve uma menininha tão linda que o rei não conseguiu se conter de tanta alegria e preparou um grande banquete. Convidou não somente os parentes e amigos, mas também as fadas, para que vissem a criança com bons olhos. Havia treze delas no reino, mas como o rei só dispunha de doze pratos de ouro para servi-las, uma das fadas não poderia ser convidada.

O banquete foi preparado com grande esplendor e quando terminou todas as fadas deram à criança um presente mágico. Uma deu-lhe virtude, outra, beleza, uma terceira, riqueza e assim por diante, concedendo-lhe tudo que poderia desejar no mundo.

Quando onze das fadas já haviam falado, a décima terceira apareceu inesperadamente. Queria se vingar por não ter sido convidada. E sem cumprimentar ninguém e nem mesmo olhar para os convidados disse alto e bom som:

– A princesa vai se espetar em uma roca em seu décimo quinto ano e cairá morta – e sem mais dizer ela se retirou do salão.

Todos ficaram aterrorizados, mas a décima segunda fada, que ainda não formulara o seu desejo, adiantou-se. Não poderia cancelar a maldição, apenas abrandá-la, então disse:

– Sua filha não morrerá, cairá em um sono profundo que durará cem anos.



O rei ficou tão ansioso para proteger sua filha da desgraça que deu ordem para queimarem todas as rocas do seu reino.

À medida que o tempo foi passando todas as promessas das fadas se realizaram. A princesa cresceu tão linda, modesta, boa e inteligente que todos que a viam não conseguiam deixar de amá-la. Ora, aconteceu que no mesmo dia em que a princesa fez quinze anos o rei e a rainha se ausentaram de casa, e a princesa foi deixada sozinha no castelo. Perambulou então por todo o palácio, espiando os quartos e salões que quis e finalmente alcançou uma velha torre. Subiu uma escadinha estreita e circular e chegou a uma pequena porta. Havia uma chave enferrujada nela, e quando a princesa a girou, a porta se escancarou. No pequeno aposento viu uma mulher com um fuso que se ocupava em fiar linho em uma roca.



– Bom-dia, avozinha – cumprimentou a princesa –, que está fazendo?

– Estou fiando – respondeu a velha balançando a cabeça.

– Que é essa coisa que gira tão alegremente? – perguntou a princesa; e pegando o fuso tentou fiar também.

Mas mal tocara nele a maldição se cumpriu, e ela espetou o dedo no fuso. No instante em que sentiu a picada, caiu em uma cama que havia ali próximo e mergulhou em um sono profundo que afetou todo o castelo.

O rei e a rainha, que tinham acabado de chegar e iam entrando no saguão, adormeceram e com eles todos os cortesãos. Os cavalos adormeceram nos estábulos, os cães no pátio e os pombos no telhado, as moscas nas paredes; até as chamas no fogão pararam e adormeceram, e a carne que assava parou de chiar; o cozinheiro, que estava puxando os cabelos do ajudante porque ele cometera um erro, largou-o e foi dormir. O vento parou e nem mais uma folha se moveu nas árvores diante do castelo.

Ao redor do castelo nasceu uma cerca de éricas; ano a ano a cerca foi subindo sem parar até que finalmente cobriu tudo, fazendo o castelo desaparecer de vista e até mesmo a bandeira no alto do telhado.

Mas pelo reino correu uma lenda sobre uma bela adormecida filha do rei, cujo nome era Érica, e de tempos em tempos acorriam príncipes que tentavam atravessar a cerca para entrar no castelo. Descobriam que era impossível. Os espinhos os agarravam como se fossem mãos, e os príncipes sem conseguir se soltar acabavam sofrendo uma morte infeliz.

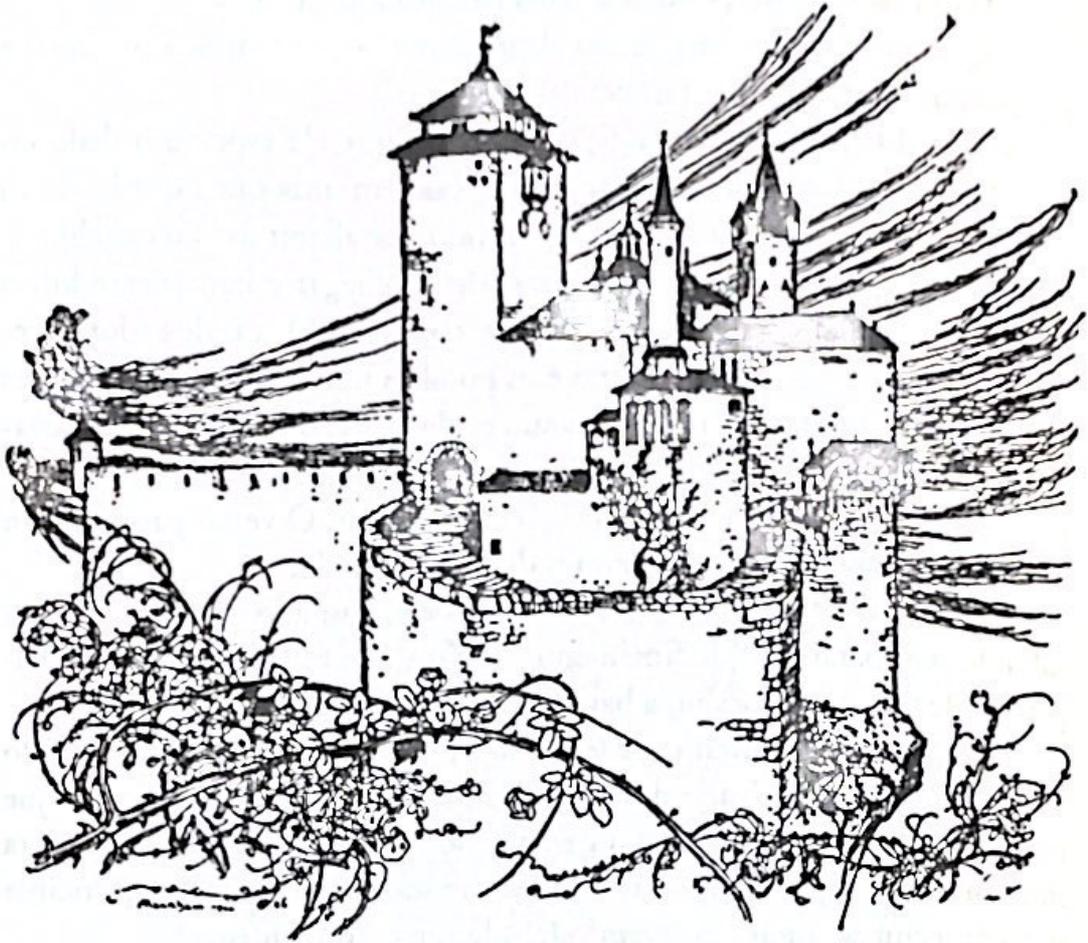
Passaram-se muitos e muitos anos, e certo dia um príncipe voltou a esse tal reino e ouviu um velho falar sobre um castelo escondido por uma cerca de éricas, em que a belíssima princesa Érica permanecia adormecida nos últimos cem anos, e com ela dormiam o rei, a rainha e todos os cortesãos. O príncipe soube também, por intermédio do seu avô, que muitos príncipes já tinham tentado penetrar a cerca de éricas e acabavam enredados nela, morrendo tristemente.

Então, o jovem príncipe disse:

– Não tenho medo; estou decidido a ir ver a bela Érica.

O bom velho fez tudo que estava a seu alcance para dissuadir o neto, mas o príncipe não deu ouvidos às suas palavras.

Acontece, porém, que os cem anos haviam terminado e chegara o dia em que a Bela Adormecida deveria despertar. Quando o príncipe se aproximou a cerca de éricas estava em flor, coberta de flores graúdas e belas que abriram caminho para ele voluntariamente e o deixaram passar sem lhe fazer mal, e em seguida tornaram a se fechar à sua passagem.



No pátio ele viu os cavalos e cães malhados adormecidos no chão e os pombos com as cabeças sob as asas no telhado; quando entrou no castelo as moscas dormiam nas paredes e próximo ao trono achavam-se deitados o rei e a rainha; na cozinha estava o cozinheiro com a mão erguida como se fosse bater no ajudante, e a criada estava sentada com uma ave preta no colo, que ela ia começar a depenar.

O príncipe continuou andando e encontrava tudo tão quieto que ele podia ouvir a própria respiração. Por fim chegou à torre e abriu a porta do aposento em que Érica adormecera. Ei-la com uma aparência tão bela que ele não conseguia afastar o olhar; ele se curvou e beijou-a. Ao seu toque, a Bela Adormecida abriu os olhos e fitou-o amorosamente. Então, desceram juntos; o rei, a rainha e os cortesãos despertaram e se entreolharam assombrados. Os cavalos na estrebaria se levantaram e se sacudiram, os cães saltaram pelo pátio abanando o rabo, os pombos no telhado tiraram a cabeça de baixo da asa, olharam para os lados e partiram para os campos; as moscas nas



paredes começaram a esvoaçar outra vez e o fogo na cozinha reavivou, subiu em labaredas para aquecer a comida, a carne recomeçou a chiar e o cozinheiro deu uns tapas nas orelhas do ajudante com tanto estrépito que o rapaz gritou, enquanto a criada voltava a depenar a ave. Celebraram então o casamento do príncipe e da princesa com todo o esplendor, e eles viveram felizes até morrer.